

# A eleição e o Congresso

JORNAL DE BRASÍLIA

Haroldo Hollanda

8 OUT 1990

Com a abertura, dentro de poucas horas, das primeiras urnas das eleições de hoje, começa a se desvendar o rumo político a ser imprimido ao País nos próximos quatro anos, decorrentes da vontade expressa no voto pela maioria esmagadora do eleitorado nacional. Se há estados em que a eleição se encontra praticamente decidida, há outros, de grande importância política, como São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, nos quais ainda ainda pairam grandes dúvidas. Eleição é como loteria, costumam lembrar os políticos, uma vez que as urnas, quando abertas, freqüentemente nos reservam surpresas incontáveis. E fatos surpreendentes poderão se registrar nos estados em que a disputa a governador for levada ao segundo turno.

De qualquer modo, a partir desta noite, começa a ser levantado o véu da composição política do futuro Congresso, como se distribuirão as diferentes forças pelas diversas bancadas partidárias. Como as novas contribuições com as quais se encontram investidas. Câmara e Senado têm condições de influir decisivamente nos acontecimentos políticos futuros do País. A expectativa é a de que o presidente Collor amplie sua maioria no Senado. A Câmara é sempre mais rebelde e difícil de ser gerida politicamente. É provável que, como se processou uma grande desagregação em nos-

so sistema partidário, o Palácio do Planalto venha a recorrer ao expediente da formação de blocos parlamentares, acima dos partidos, para administrar melhor sua maioria no Congresso. A primeira batalha política a que o presidente Collor será chamado a participar no novo Congresso se encontra fixada no calendário parlamentar: trata-se da eleição das Mesas da Câmara e do Senado. A área governista se encontra bastante dividida: só no PFL são candidatos à presidência da Câmara os deputados Humberto Souto, Ricardo Fiúza e Inocêncio de Oliveira. É provável que, às vésperas de primeiro de fevereiro, data de eleição da Câmara, o PFL reúna sua bancada para decidir quem será seu candidato. O PMDB tem dois candidatos: os deputados Ulysses Guimarães e Ibsen Pinheiro. Numa composição entre PMDB, PFL e outras legendas, Ibsen tem mais chances. No entanto adverte que não será candidato contra Ulysses.

No Senado, o PMDB volta a reivindicar sua presidência, sob a alegação de que ali continuará a ser o maior partido. O partido tem como candidatos os senadores Mauro Benedites e Márcio Lacerda. Na bancada do PFL, o senador Marco Maciel revela a intenção de candidatar-se. Há outros dois nomes que poderiam ser lançados — Jarbas Passarinho, do PDS, e Fernando Henrique Cardoso, do PSDB. Mas, tanto Passarinho co-

mo Fernando Henrique só teriam condições de alcançar a presidência do Senado respaldado por um bloco parlamentar constituído por vários partidos, hipótese prevista no novo Regimento Interno. Esse novo Regimento Interno exige que a Mesa do Senado seja composta levando-se em conta o critério da representação proporcional dos partidos ou de blocos parlamentares. Tão logo sejam revelados os nomes dos novos senadores eleitos, as lideranças políticas informam que iniciarão imediatamente as primeiras conversações com vistas à eleição da futura Mesa do Senado.

## Candidato a líder

O deputado baiano Luiz Eduardo Magalhães revelou seu propósito de substituir, a partir do próximo ano, o deputado Ricardo Fiúza na liderança do PFL na Câmara. Luiz Eduardo chega à Câmara escudado na vitória a ser obtida hoje na Bahia pelo seu pai, o ex-ministro Antônio Carlos Magalhães, o qual, segundo várias pesquisas, deve vencer as eleições de governador no primeiro turno. Sem falar que a coligação baiana liderada pelo PFL irá eleger um senador e um mínimo de vinte deputados.

## Amaral e o PDS

O deputado Amaral Netto deu ciência a vários dos seus correligionários que, a partir de 91, não tencionava continuar ocupando a liderança do PDS na Câmara.